

Alta de inadimplência acende sinal amarelo em bancos e varejistas

Orçamento doméstico Contas em atraso

O sinal amarelo da inadimplência

— Aumento dos calotes, fruto principalmente do aperto nas taxas de juros, afeta os balanços e preocupa bancos e varejistas, que elevam provisões contra as perdas

MÁRCIA DE CHIARA
MATHEUS PIOVESANA
TALITA NASCIMENTO

A escalada da taxa básica de juros — que passou de 2%, no início de 2021, para os atuais 13,75% ao ano — tem feito estragos na vida dos consumidores e das empresas. A inadimplência atingiu nível recorde: segundo estudo da Fecomércio-SP, na virada do semestre 29% das famílias nas capitais brasileiras tinham alguma conta em atraso — a maior marca da série, iniciada em 2010.

O avanço da inadimplência acendeu o sinal amarelo para bancos e varejistas, que viram os resultados do terceiro tri-

mestre prejudicados, em parte, pelo calote. Preocupados, ficaram mais cautelosos na aprovação de novos financiamentos e aumentaram as reservas para perdas futuras com o crédito, em meio a um cenário de juros ainda elevados e o baixo crescimento da economia brasileira esperado para 2023.

Com queda nos lucros no terceiro trimestre, Bradesco e Santander, instituições com forte atuação no financiamento ao consumidor, por exemplo, ampliaram as chamadas Provisões para Devedores Duvidosos (PDD). O Bradesco mais do que dobrou (116%) ante o mesmo período de 2021 a reserva contra eventuais calotes, que atingiu R\$7,267 bilhões. No Santan-

Recorde

29% das famílias nas capitais do País tinham alguma conta em atraso na virada do semestre, segundo pesquisa da Fecomércio-SP. É o maior patamar da série, iniciada em 2010

der, a PDD somou R\$ 6,209 bilhões, alta de 68,9% em relação ao mesmo período de 2021 e de 8% ante o trimestre anterior.

O presidente do Bradesco, Octavio de Lazari Junior, disse na apresentação de resultados que a inflação e os juros leva-

ram a uma redução na capacidade de pagamentos dos brasileiros, o que explica o aumento na inadimplência e o salto nas provisões. “A inadimplência tem nome e sobrenome: está na pessoa física, em cartão de crédito e em crédito pessoal”, disse.

O Santander informou que já havia começado a apertar a concessão de crédito no fim de 2021, antecipando o ciclo econômico, o que levou primeiro a uma desaceleração na carteira e, depois, a uma piora na inadimplência. Também em teleconferência sobre o balanço, Mario Leão, presidente do banco, disse que a piora está concentrada no segmento de pessoas físicas, mas que o cenário

deve mudar com a queda dos juros, algo que o mercado espera que volte a acontecer em meados do ano que vem.

Para Altamiro Carvalho, assessor econômico da Fecomércio-SP e responsável pelo estudo sobre endividamento, o principal fator que levou ao aumento da inadimplência foi a inflação. Em junho de 2021, o IPCA acumulava em 12 meses alta de 8%, e chegou a 12% em junho deste ano, concentrado em itens essenciais, como alimentos e combustíveis. “Isso abalou a capacidade de pagamento das famílias, principalmente as de menor renda.”

INADIMPLÊNCIA TURBINADA PELO JURO ALTO CHEGA AS VAREJISTAS. PÁG. B2

Orçamento doméstico Contas em atraso

Inadimplência turbinada pelo juro alto chega às varejistas

Magazine Luiza e Via aumentam provisão para cobrir falta de pagamentos; para especialista, tendência agora é de baixa

MÁRCIA DE CHIARA
TALITA NASCIMENTO
MATHEUS PIOVESANA

O aumento da inadimplência, provocado principalmente pela alta dos juros, chegou também às redes varejistas. O Magazine Luiza, por exemplo, que registrou prejuízo de R\$ 166,8 milhões no terceiro trimestre, reservou R\$ 590,4 milhões para créditos de liquidação duvidosa no cartão próprio — que responde pela maior fatia das vendas a prazo da rede.

A varejista aumentou em 206,4% a Provisão para Devedores Duvidosos (PDD) em relação ao mesmo trimestre do ano passado. Quando é levada em conta a relação entre a provisão e o tamanho da carteira de crédito do Magazine Luiza, o índice do terceiro trimestre está em 2,9%, ante 1,3% no mesmo período de 2021.

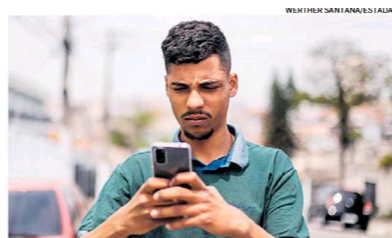
Roberto Bellissimo, diretor financeiro da varejista, diz, porém, que a comparação entre os

períodos não é a mais adequada. “A inadimplência estava artificialmente baixa no terceiro trimestre de 2021 por conta dos auxílios (dados pelo governo).”

Ele observa que o indicador entre a provisão e o tamanho da carteira era superior a 3% antes da pandemia. A inadimplência dos créditos vencidos há mais de 90 dias na rede, que subiu para 9,2% da carteira no terceiro trimestre (ante 4,9% no mesmo período de 2021), está voltando para os níveis pré-pandemia, argumenta. No entanto, o executivo diz que desde o começo do ano vem reduzindo o ritmo de concessão de novos cartões da rede e está focado em clientes conhecidos e que já navegam pelo site da varejista.

A Via, dona da Casas Bahia e do Ponto, apresentou prejuízo líquido de R\$ 203 milhões no terceiro trimestre, e é outra varejista que ampliou as reservas para cobrir a inadimplência. Os créditos vencidos acima de 90 dias, que eram 7,4% dos financiamentos a receber no terceiro trimestre de 2021, subiram para 8,4% no mesmo período deste ano. Em um ano, a PDD da rede varejista foi de R\$ 621 milhões para R\$ 658 milhões.

Já a Lojas Cem, que tem capital fechado, não revela o aumento das provisões contra a



Jefferson renegociou dívida de R\$ 10 mil no cartão de crédito

Mais jovens lideram renegociação de dívidas, aponta Serasa

Os inadimplentes mais jovens puxam a fila de renegociações de dívidas atrasadas no Brasil, em meio a um cenário de calote recorde. Entre setembro de 2021 e setembro deste ano, o número de consumidores entre 18 e 25 anos de idade que saíram da inadimplência cresceu 54,62%, aponta levantamento da Serasa, empresa de informações financeiras.

“Percebemos que essa foi a faixa etária onde mais cresceu a inadimplência, mas agora eles buscam a renegociação de dívidas”, afirma Fernando Gambaro, coordenador de pesquisa da Serasa e

responsável pelo levantamento — feito a partir da base de dados de um dos maiores birôs de crédito do País. Hoje, há no País 68,390 milhões de pessoas com dívidas em atraso de todas as idades.

Jefferson de Santana Santos, de 24 anos, corrobora as estatísticas. Ele perdeu o emprego logo no começo da pandemia. “Não consegui pagar os cartões”, contou. Há quatro meses, começou a trabalhar como microempreendedor individual (MEI) e conseguiu quitar seu débito. “Consegui um bom desconto: quitei uma dívida de R\$ 10 mil desembolsando R\$ 700 à vista”, conta. “Preciso ter o meu nome limpo para poder ter as minhas coisas: meu carro, minha casa.”

inadimplência, mas confirma que o calote está em alta. “Deu uma aumentadinha na inadimplência”, afirma José Domingos Alves, supervisor-geral da rede, que deve fechar o ano com 302 lojas. Historicamente, o atraso acima de 60 dias oscilava entre 4% e 4,5% da carteira de crédito da varejista. Agora, faz dois meses que está em 6%. “O aumento da inflação tirou o

poder de compra e potencializou a alta da inadimplência, além do que ninguém contava que a Selic chegaria 13,75%.”

MELHORA. Até dezembro, no entanto, a tendência para a inadimplência é de redução, avalia Matheus Moura, diretor da Serasa, birô de crédito que já fechou 2,2 milhões de renegociações de dívidas em atraso nas últimas

duas semanas. “A continuidade da redução do desemprego, a inflação reduzindo ou não subindo mais, atrelados aos auxílios governamentais tendem a reduzir a inadimplência”, diz.

O economista Altamiro Carvalho, assessor econômico da Fecomércio-SP, acrescenta que a maior injeção de recursos do 13.º salário, por conta do aumento do emprego formal, deve favorecer a queda do calote, uma vez que, tradicionalmente, 40% desses recursos vão para a quitação de dívidas. “O que sabemos é que as condições neste fim de ano serão melhores para as famílias colocarem em ordem as dívidas em atraso, mas a grande incógnita é o comportamento da inadimplência no primeiro semestre de 2023.”

As incertezas sobre a política econômica do novo governo, especialmente em relação à questão fiscal, e os possíveis desdobramentos sobre câmbio, inflação e juros ainda não permitem fazer previsões, diz.

DISSEMINAÇÃO. O estudo sobre inadimplência feito pela Fecomércio-SP mostra que, depois de um momento de paralisação das atividades econômicas por conta da pandemia, em 2020, houve um momento de maior disseminação do crédito. Entre junho de 2021 e junho deste ano, a parcela de famílias endividadadas que moram nas capitais brasileiras subiu de 71,4% para 78%. Isso significa que 1,2 milhão de novos brasileiros tiveram acesso ao crédito o período.

“O sistema ficou menos seletivo, absorveu esse contingente, provavelmente de menor renda”, diz Carvalho, responsável pelo estudo sobre endividamento do consumidor. Com o aumento da inflação, esse consumidor perdeu a capacidade de pagamento e acabou se tornando inadimplente. ●

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal O Estado de S. Paulo

Seção: Economia & Negócios **Caderno:** B **Página:** 1 e 2